

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»
— DE VILA NOVA DE FAMALICÃO —

DIRECTORES
DAVID D'OLIVEIRA
DUARTE FRAGA
EDUARDO D'ALMEIDA

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

Da mocidade á vida

Não volvi os olhos escurecidos aos anos em flor da mocidade, sob o unico pretexto enganoso de carpir a quebrada litania da saudade, escrevendo assim, como sarcastica mas justamente notou um amigo querido, e distintissimo letrado, não um preludio, mas qualquer cousa de nocturnesco, á Chopin. Foi porque, ao repisar a liça dos generosos combates de ideias, rapida me surgiu a memoria do feitiço, que para lá impulsionára o meu espirito, ha tantos anos; propositadamente ainda tambem, não sentindo iludida nem minguada a minha fé, porque mais ajustado me pareceu, nesta idade, e muito principalmente no momento, a evocação daqueles tempos, os da mocidade ardente e livre, em que a toda a alma bem formada um alto ideal de perfeição, justiça, e amor deve alumiar e seduzir. Eu tenho, na verdade, como castrados intellectuais, embora, por vezes, inconscientes produtos da hereditariedade ou do meio, certos meninos bonitos, que fazem alarde e escancara de ideias gastas, de ferrujosos anacronismos sociais; que amam a tradição apenas como doutrina do quietismo politico, ou bemdizem a tirania absoluta como forma suprema de governo dos povos.

Bem sei que alguns, como os seminaristas que, mais tarde, conseguem desgarrar-se, e são notados pela esturdia barulhenta, caem nos braços do radicalismo fetichista; e outros se alapam por mera cobardia social, atrás das paginas consagradas na historia, como se o proprio coração, e toda a vida de Portugal, ali ficara enterrada; todos, embora ativos e garridos na apparencia, receiam e temem a hora que passa, a hora que vem. Mas quantos, mais tarde, assim preparam e deflagram as maiores tormentas, as tormentas que sobretudo queriam evitar! Não os condeno, longe de mim... Sómente — não os compreendo. Não posso compreender a mocidade que nega á vida o direito de viver; a mocidade que insulta de escravo o mendigo a que dá esmola, e procura iludir, numa forma bizarra de corporatismo aliado, mas submisso, á aristocracia, o trabalhador, operario ou agricola. Mesmo por mero fenomeno instintivo, eu julgo ser o tempo da mocidade aquele em que se quer andar para diante; em que não se arreceia, mas abraça forte e virilmente a vida e o futuro.

Era assim quasi toda a mocidade do meu tempo, e na historia do tempo decorrido de então para cá de algum proveito certos passos lhes quereria contar. Se me dão licença.

EDUARDO DE ALMEIDA.

“Edições da Livraria Lelo,”

Adquirindo-as, podeis habilitar-vos aos sorteios da mesma livraria.

Consultai as condições na livraria L. Oliveira & C.ª, rua da Republica (junto ao Banco do Minho).

A' margem dos livros... e da vida

De Manuel Ribeiro, em «Novos Horizontes»:

«Resta apreciar o significado que o Fascismo toma em face do pacto moral que une os povos e os solidariza no apuramento das instituições politicas, compromisso de que depende o progresso social e o concerto pacifico do mundo. Sob este ponto de vista forçoso é confessar que infelizmente o Fascismo não acompanha, e antes retorce, a ascensão prosseguida nas nações de cultura mais alta, e parece ensinar formas regressivas do Estado, em que são sacrificados preciosos valores civicos, com raizes tão fundas já que poder nenhum os anula ou ofusca, embora os escarneça ou torture. Certamente, cada povo governa-se pelos métodos ou sistemas que melhor lhe quadram. Há hoje, porém, não só consignados no direito publico, mas postulados pelas proprias normas da sociabilidade, certos principios basicos na republica, que são as liberdades politicas, indices até da Civilização, e de que nenhum governo abstrai sem ferir a consciencia universal.»

«Alem da politica positiva, outra grande influencia do regime sovietico, é a categorização social da classe operaria, que a democracia do Ocidente não alcançou ainda, em virtude do monopolio que dela faz a burguesia liberal, e de certos preconceitos enraizados. O operario europeu constitui ainda hoje uma casta inferior de que o capitalismo explora a força bruta, animal. A Russia abriu caminho ao trabalhador, deu-lhe possibilidade de ser um alto valor social, dentro da profissão. No Ocidente o operario só se eleva socialmente desprofissionalizando-se, pois que na officina não pode aspirar a ser um cidadão categorizado. A Russia, como se viu, vai ás officinas buscar os seus homens, aproveita as aptidões e as inteligencias... O exagero da Russia está em privilegiar uma classe em detrimento dos demais individuos. Não é, porém, quimera conceber um justo equilibrio das classes. Realizá-lo, eis o a grande missão da Democracia nova.»

E' extremamente confortador pensar e ver que, acima do inertismo em que decaiu a nossa terra, não obstante a sua admiravel situação, que a tornam ponto obrigatorio das mais pitorescas excursões, a sua importância agricola, com o afamado linho — onde param os linhos de Guimarães, não falcatrados, os de remessa estranha, com este nome? — e os seus vinhos leves e capitosos, a sua tradição histórica, os seus fidalgos pergaminhos, e o seu justo arrego de centro industrial, povo laborioso, grande centro, venerando monumentos, dignos de visita e de estudo; é topicamente aliviador verificar —, ao lado do sujo marasmo de uma cidade tão linda, agora de aspecto sonambulo e arrastado, a das raparigas encan-

tadoras e de olhos meigos, a das crianças vadias e repelente mendicidade — esse luminoso fremito, evidente, de uma bem marcada renascença literaria, que, sem favor, lhe dá jus a ser considerada entre os primaciais nucleos de cultura do nosso país. Por esta morrinha tão propria do nosso tacanho feitio, sómente, ainda por nosso mal, quasi não queremos dar por isso. Falta absolutamente o estímulo, tirante as inevitaveis e até mesmo certas carinhosas excepções, daqueles que, todavia, andam pelos livreiros e gostam de levar algumas obras para casa. Mas como o que é de casa não presta, e o pão do vizinho é sempre melhor, lamentavelmente fica esquecida, senão menos presada a produção literaria vimaranense.

Por hoje, pois assunto é que nos impomos cuidar muito devotamente, queremos apenas — apenas! — assinalar a publicação, em separata, do ultimo trabalho de Alberto V. Braga, *O culto da alfadiga e dos cravos. — No amor e na crença. — Esboço Etnografico.* Na sua compassada modestia, magnificamente desprendido daquelas irritantes formas da vaidadezinha tola e impertinente, que a tantos morde e envenena, sobrio, estudioso e calmo, com um profundo sentimento, apurado e iluminado pela observação da vida na colmeia laboriosa do povo, o autor, dando á sua orientação literaria um belo rumo, para que era mais apta a sua vocação natural, está produzindo uma obra simultaneamente encantadora e educativa. Sem duvida alguma, e na mais pura verdade, o apontamos como um dos maiores e dos melhores etnografos portugueses da actualidade. O amor do povo, o humilde das aldeias, inspirou-lhe verdadeiramente o coração, e a intelligencia do coração ainda é das mais sublimes. Sabe esquadriñar, notar — e viver as suas notas. Estilo muito pessoal, e saboroso, com um ritmo dolente, dotado, picado de graça; facilidade no tema, com inteira observação; engenho e leveza nos métodos de trabalho. Estes pequenos estudos, agora dispersos, darão um bom volume, de oiro maciço, uma bela obra. Os estudos que tem trazido em publicação na *Revista de Guimarães*, sob o titulo generico — *Curiosidades de Guimarães* — virão a formar paginas curiosissimas de historia viva, toda palpitante de interesse, fortemente elucidativa no seu proprio aspecto anedotico, alem de essenciais ao estudioso e ao futuro investigador pela soma dos velhos documentos rebuscados e interpretados com o maior escrupulo. As nossas mais vivas saudações.

Da Princesa Bibesco:

«As crianças nunca se cansam: gostam do que já gostaram; o que as fez rir uma vez provoca-lhes sempre o riso. Coisa que lhes façam e lhes caia em graça, logo a querem tornar a ver. Tornam-se impertunas, porque são constantes».

(Continua na 2.ª pagina).

DIREITOS

O direito dos reis?... Os seculares direitos dos reis?...

Hoje que os povos se governam por si proprios, hoje, que os povos sacudiram tutelas e jugos e cantam vitoriosas hossanas á democracia emancipadora, falar em direitos régios, nos direitos das «testas coroadas» o mesmo é que querer impôr como intangível e sagrado o que ha de mais falivel e injusto, o mesmo é que querer obrigar os homens á obediencia a velhos erros, ás barbaras leis que eles ha muito condenaram e destruíram.

Os direitos dos reis?... Mas que direitos são esses a que os reis se agarram com ansias de naufrago, quando nem pelo seu prestigio pessoal nem pela força de que se rodeiam, conseguem manter-se na situação privilegiada a que os alcandoraram circunstancias que já não existem? O direito feudal? O direito divino? Mas, um e outro, ha muito os sentenciou como retrogradados, como desumanos, a razão humana. Um e outro, o feudal e o divino, barbaros e improgressivos, ha muito que os banhiu a mais elemental justiça. Ambos firmaram no arbitrio e no despotismo a sua existencia e a sua autoridade; ambos eles, o feudal e o divino, usaram e abusaram da opressão humilhante, da desigualdade vexatoria, para que os homens os repudiam, deles guardando imperecível e impiedosa memoria.

E se já na sua epoca, que a tiveram, provocaram queixumes e reacções, pela hediondez dos seus processos, pelos seus crimes, pelas suas prepotencias, hoje, que a Humanidade trilha com segurança o caminho da igualdade e da liberdade, invocá-los é ou afrontosa hipocrisia, ou lastimavel estulticia. Os direitos dos reis terminam com o exercicio da realza e esta acaba quando os povos dispensam os seus serviços. Os reis já não são amos e senhores, já não dispõem das nações como de cousa sua. Simples funcionarios, só desempenham as suas funções enquanto aqueles que lhes pagam os toleram, ou julgam

necessarios. Simples funcionarios, e, ás vezes, nem isto são.

Os direitos dos reis?... E os dos povos, os direitos dos povos? Pode um rei invocar os seus direitos, os seus seculares direitos, quando não guarda, nem defende, nem respeita, os seculares — e jurados — direitos do povo a que preside?

Podem os reis exigir a estricte observancia, o rigoroso respeito das suas prerrogativas e dos seus direitos, quando eles, esses reis, não observam, nem respeitam, leis ou regalias, antes são os primeiros a infringi-las, a desrespeitá-las, sempre que elas lhes contrariam as reais ganas, sempre que elas se não cinjam ás suas régias tinetas?

Não. O direito dos reis, feudal ou divino, venha ele dos codigos romanos ou dos santos oleos da Biblia, cedeu o lugar ao direito dos povos. O velho costume foi proscrito. E' outra, agora, a moral; agora, as leis fundam-se na Justiça. Os povos dispõem de si, governam-se a si proprios, adoptam as instituições que lhes agradam, quer politica, quer religiosamente, sem que lhes seja preciso submeter-se ao beneplacito dos ceus, dos papas, ou dos tronos.

Os direitos dos reis, hoje, são aqueles, simplesmente aqueles que os povos, que lhes pagam, lhes concedem. Quando os povos despedem os reis, estes, que já não são amos nem senhores, que já não dispõem das nações nem dos homens como de qualquer peça do seu bragal, renunciam, a bem ou a mal, ao trono e... aos emolumentos, sejam estes em dinheiro, sejam em direitos e privilegios. E' isto o que a Historia regista, desde que a soberania popular se sobrepe a quaisquer outras, desde que a Democracia coloca a Justiça acima de tudo.

O direito dos reis? Não deve invocá-los quem tantas vezes se esqueceu dos direitos dos povos. E os povos, hoje, são soberanos.

DORIO.

A um Crucifixo

Ha mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços
E clamaste da cruz: ha Deus! e olhaste, ó crente,
O horizonte futuro e viste, em tua mente,
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem eco o eco de teus passos,
E de tua palavra (ó verbo!) o som fremente?
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente
Arrojaras de novo á campa os membros lassoos...

Agora, como então na mesma terra erma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudario...

E agora, como então, viras o mundo exangue,
E ouviras perguntar — de que serviu o sangue
Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvario? —

ANTERO DE QUENTAL.

TRIBUNA LIVRE

Ilda Stichini e Guimarães

Por iniciativa dos srs. drs. Americo Durão e João Aires, coadjuvados pelos Empregados do Comercio, no velho teatro D. Afonso Henriques teve lugar a festa de homenagem à eminente artista Ilda Stichini, que achamos merecida e justa, das as qualidades e renome da brilhante actriz.

Eu sou daqueles que têm seu fatiçaz pelo teatro e que roubam as horas de ocio para ter o prazer espiritual de uma vez por outra, experimentar profundamente as sensações e frissons da arte de Talma, organizando «caravanas de Thespis»; e também adoro os grandes artistas da declamação porque os considero os interpretes da sublime arte que nos deleita e por vezes nos arrebatava, aqueles que melhor nos falam a sensibilidade, variando o grau de beleza e o grau do poder expressivo.

E' que a arte de representar, mais do que nenhuma outra, desenvolve harmonicamente todas as faculdades e regulariza o gosto do belo, na formosura ou na fealdade, na graça ou na desgraça original. Tanto como os templos assirios e egipcios, as necropoles e os marmores da antiga Grecia; tanto como a cerâmica etrusca e os mosaicos e rendilhados capiteis bizantinos; os monumentos da imperial Roma, o romano e o gotico, e o Renascimento, o teatro na acção do termo é arte que purifica, diviniza e exalta. Foi merecida e gostei da homenagem tributada à Ilda Stichini.

As minhas homenagens, pois, ao talento da insigne artista que em suas veias traz sangue vimaranense e que tão alto tem sabido honrar-se, honrando-nos.

E visto que Ilda Stichini falou ao nosso povo, por intermedio do nosso prezado colega local «A Velha Guarda», não quero deixar de fazer referencia á parte da entrevista em que a nossa primeira ingenua se refere ao teatro D. Afonso Henriques. Lamenta a resignação dos vimaranenses por passarem sem teatro e acha que o velho casarão poderia ressuscitar, como Fenix, das proprias... cinzas, transformando-se num teatro «lindo», consideradas a disposição da sala e as condições acusticas que são magnificas, já que a iniciativa não deu para a construção duma nova casa de espectaculos e já que o nosso publico gosta do bom teatro.

Pergunta-se: porque não ha-de o publico vimaranense efectivar a sugestão da illustre atriz, renovando o que é velho, sujo, mofo e insetico?

L. COELHO

EXPOSIÇÃO DE PRIMAVERA

Casa High-Life

Este belo estabelecimento comercial efectivou no ultimo domingo a sua «Exposição de Primavera», o que causou sucesso em Guimarães, e pelo que em frente da casa High-Life parou muita gente a delectar-se naquele pequeno paraíso.

Na verdade, a exposição marcou nitidamente o valor da nossa primeira casa comercial de modas, tais as novidades ali apresentadas e tamanha profusão de luz ali se via a deslumbrar os olhares.

Um mundo de cousas bonitas e garridas, encantadoramente dispostas, realçando pelas novidades que são le dernier cri, desde as «étamines» ás sedas, aos crepes e aos «foulards», desde os tecidos «tobroclos» (o grande successo) aos «tuids» para vestidos, as sombrinhas de seda, bolsas e tudo quanto a ultima moda impõe e determina. Variêdade de artigos e interesse de disposição.

Necessário se torna que o nosso povo saiba corresponder ao sacrificio dos proprietarios da Casa High-Life e, na especialidade, prefira os seus artigos que representam quasi uma especiaría da nossa terra — a maior exposição primaveril realizada em todos os tempos.

COISAS E LOISAS

CÁ vem mais um para a galeria. E é de polpa. Andam os nossos cassapos a pedir um rei, a chorar por um reizinho; andam os varios nemos a fritar a consciencia e os miolos pelo historico apetite de um soberano, quando a gente os vê por aí, com curso feito e prática de sobejo para tão rude mister, sem que apareça quem lhes utilize os préstimos.

Necessariamente, a Providencia ou perdeu o olho, ou o tem avariado. E é pena, que estava mesmo a calhar. Tal grei, tal rei.

Fernando, rei que foi da Bulgaria, e que agora passeia seus ócios nas suas propriedades de Coburgo, vê a sua rotunda figura posta em foco pela indiscreção de um deputado que, com documentos na mão, trombeta na tuba do escândalo com tal gana que se ouve aqui debaixo das extaticas ameias do vestuário castelo, onde Tareja fez das suas.

Afirma esse deputado comunista que o ex-rei dos bulgaros recebeu quando das negociações que precederam a entrada da Bulgaria na guerra, ao lado da Alemanha, a bonita maquia de 25 milhões de marcos. Depois de destronado foram-lhe entregues mais 1 milhão de francos por uma vez e não se sabe quanto por outra. E, como se isto fôsse pouco para um soberano, ainda conseguiu que a Alemanha lhe pagasse uma pensãozinha de 120.000 marcos anuais, que está gozando. Daqui se chega á conclusão de que a guerra, para este monarca na disponibilidade, foi uma mina, um pau por um olho. Ossos do officio, que só os reis, mesmo com um ex atrás, abicam.

Hemos de concordar que este monarca é, pelos menos, um habil diplomata. Nem doutro modo se explica que, vencido e destronado, conseguisse dos seus colegas na desdita, uma indemnização de... triunfador. Pelo que nos atrevemos a indicá-lo aos meninos do Pelicano real. Sempre tem mais prática, mais escola, do que o esperançoso D. Nuno ou o escorregadio D. Manuel.

COMO ratos, estes desinteressados ministros do catolicismo. E, com este povo de mansos borregos, pintam a manta e sobeja-lhes o tempo e o feitio. Que ele é preciso fazer pela vida, que, positivamente, não é a do tempo dos apóstolos e, porisso mesmo, se não satisfaz com os gafanhotos dos profetas, nem com as piedosas cantigas das bafiantes escrituras. A vidinha é uma e é só isto; por outro lado, o caracter divino da missão, se consente, e até receita, o vacuo nos cerebros; não se compadece

das remotas lamechices, pré-historicos romantismos, que levaram o loiro Nazareno a pernear na cruz ultrajante, depois de ter feito a fortuna de Judas. Ora, adeus...

«O meu reino não é deste mundo». «Queres seguir-me, deixa tudo, bens e familia...» «Ama o proximo, como a ti mesmo» e quejandas luminosas pérolas com que o Cristo se divinizou, que proveito lhe deram? Ora, bolas... Judas, comprando a corda, isto é, fazendo todas as despesas da sua morte, ainda deixou dinheiro. E ele, o outro, o que fazia do amor a suprema lei? Com o seu desinteresse, andou sempre com as mãos a abanar, uma atrás, outra adiante, tão fraco psicólogo que nunca deu pelo poder do humano egoismo, tão ingenuo filosofo, que nunca compreendeu o magico poder do dinheiro.

«E' mais facil passar um camelo pelo... sim, senhor (estamos na quaresma) duma agulha, do que entrar um rico no reino do ceu.»

Cebolorio, trêtas! Pouca prática da vida. Emquanto o pau vai e vem, folgam as costas, e, depois, o azorrague que deixou em carne viva a lombana dos vendilhões, foi um ar que lhe deu. Ninguem mais o viu. Jaz, decerto, enterrado com as maximas cristãs nas catacumbas romanas, se é que se não resolveu a ressuscitar para, como Cristo, se livrar deste mundo per omnia saecula... para todo o sempre. Cebolorio!

Refocilando o beato espirito e a anafada materia nestas sedutoras meditações, que lhe ocupavam o melhor da hora da sesta, o santo do abade rematava as prudentes cogitações dando dois piparotes no breviario e rosnando, em surdina: Cogito, ergo sum. E se sum, e se existo, tenho de fazer pela vida. Menino, cura te ipsum. Com uns patacos que vás ensacando e a congruazinha do Estado... Digo eu cá isto. O resto são trêtas.

PARA os tempos que vão correndo, o caso é digno de registo. Chamava-se Ana de Jesus, tinha 76 anos, e viveu sempre no temor de Deus.

Quando viu que a morte a espreitava, chamou a parentela e ordenou que o seu enterro fôsse civil. «Quero que o dinheiro que os padres levariam, seja dado aos pobres.»

Ora aí está um bom exemplo de alta moral e de puro cristianismo. Falta saber se a santa velhinha não arranjou com o seu nobilissimo acto uma excumunhão, ou qualquer outra carta de apresentação a Satanaz. Não, que se a moda pega!...

"Liberdade,"

Este semanario republicano, que se publica em Lisboa sob a direcção de Artur Vergilio Marinha de Campos, um môço cheio de grandes qualidades de intelligência, tem-se afirmado, com brilho invulgar, entre os mais estimados paladinos da Democracia.

Através dele palpita vibrantemente o entusiasmo, a vida estuante e plena do idealismo da mocidade académica republicana. Lemo-lo sempre com prazer e com admiração. Honram a capa e a batina os estudantes que assim pensam e tão desassombradamente sabem dizer o que querem.

Para os briosos rapazes e para os seus illustres colaboradores, um apertado abraço de fraternal saudação, com o desejo veemente do triumpho dos principios que todos nós defendemos.

"Cinzas"

Tango triste por José Belchior Júnior

De José Belchior Júnior, illustre professor do Liceu Sá de Miranda, da cidade de Braga, recebemos o tango triste para piano «Cinzas» com versos de José dos Reis e com a seguinte e gentilissima oferta: «A' Ex.^{ma} Redacção de «O Povo de Guimarães» em homenagem de muita admiração, oferece José Belchior Júnior».

Compositor distintissimo, dos mais populares, a sua obra é sobejamente conhecida e dos nossos ouvidos não escaparam as doces modalidades dos muitos e interessantissimos tangos que vão do «Capa e batina» ao «Sertão», que nos habituamos a ouvir nos pianos das cidades de muitas terras portuguesas.

Reconhecidos, agradecemos, e sensibilizados.

RESSURGIR...

Quem observasse a palida indiferença com que ha uma meia duzia de anos as universidades e escolas portuguesas encaravam os grandes problemas sociais, economicos e politicos que então, como hoje, agitavam o mundo, e a compare á energia e actividade que hoje se manifesta nos meios academicos, não poderá deixar de considerar o grande caminho andado, e terá necessariamente de rejubilar com o despertar de tantas energias moças, tão decididas boas vontades, e, com o espirito eminentemente liberal e progressivo que anima as vossas escolas.

Conscios do papel que amanhã serão chamados a desempenhar, têm os estudantes afirmado bem alto o seu muito amor pela liberdade, a sua fé em mais amplos e rasgados horizontes, terminando de vez com a lenda do seu conservantismo omnis ou menos integral, e tirando assim as ultimas illusões áqueles que julgavam ser possivel enquadrar os dirigentes de amanhã em formulas sociais ou politicas já gastas e por toda a parte abandonadas como inuteis.

A força de vontade, energia e coragem moral que lhes foi necessario possuir para romper com a inercia de que pareciam possuidas as gerações academicas de ha anos, só áqueles que então pelas universidades e escolas passaram, as podem avaliar.

Com um corpo docente na sua quasi totalidade tradicionalmente hostil a todo o progresso, conservador por conveniencia, comodismo ou preguiça mental, é assombroso o que os rapazes vem fazendo!

Ora é sabido que só uma causa externa pôde animar, movimentar, dar vida, áquilo que está movel.

E se isto é verdadeiro no mundo social, como o é no mundo fisico, quasi me sinto tentado a bemdizer da causa que tais efeitos produziu, dando á nossa mocidade escolar uma mais perfeita compreensão dos seus deveres encaminhando-a para a luta que redime e afervora os mais alevantados ideais.

Mas, sobretudo regosigemo-nos com o sentido verdadeiramente actual e oportuno desta transformação, levando as gerações futuras a encarar sem temor o dia de amanhã, em que a sociedade assentará em moldes mais justos e humanos, tendo por base uma mais perfeita organização economica e politica, uma mais racional e equilibrada distribuição de riquezas.

FRANCISCO PINTO RODRIGURS.

Homenagem aos drs. Manuel Pimenta e Pedro Gonçalves Sanches

No passado dia 16, conforme estavam anunciadas, realizaram-se as homenagens em memoria do dr. Manuel Pimenta, vice-reitor do antigo seminário e do dr. Pedro Gonçalves Sanches, professor do seminário-liceu e do mais tarde Liceu Martins Sarmiento.

Consoante estava determinado, após a cerimonia religiosa que teve lugar na Colegiada, realizou-se pela volta das 12 horas a romagem ao tumulo do dr. Pedro Sanches e onde tomaram a palavra os srs. Eugenio Vaz Vieira, Manuel de Freitas e o nosso querido director, dr. David d'Oliveira.

A tarde, realizou-se a visita dos antigos alunos ao Liceu e ao antigo Seminário.

Pelas 16 horas, efectivou-se a sessão solene, descerração do retrato do dr. Manuel Pimenta e inauguração da sala que lhe foi dedicada, tendo discursado os srs. P.^o Gaspar Nunes, Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, Magalhães e Couto, Reitor do Liceu, Presidente da Academia e o rev.^{mo} Bispo-coadjutor de Lamego e antigo aluno, D. Agostinho de Jesus e Sousa.

Foram recebidos muitos telegramas de adesão, destacando-se o do sr. dr. Nuno Simões.

Aos organizadores destas homenagens, especialmente aos srs. José de Pina e P.^o Gaspar Nunes, os nossos agradecimentos pelo convite.

Uma resolução inqualificavel

Assim apelidamos aquela que determinou a reabertura do Teatro (?) «D. Afonso Henriques». Não temos que retirar uma linha sequer do que escrevemos, pois em absoluto mantemos a opinião expandida.

A questão é esta: — pode reabrir, seja qual for o pretexto invocado, uma casa de espectaculos que uma vistoria oficial condenou?

Pessoa alguma poderá responder afirmativamente.

O que não presta, não presta. A justificação de que não há em Guimarães local onde possam exhibir-se diversos conjuntos artisticos, não colhe, não é argumento. Tem de atender-se á hipotese de uma catastrophe que, a dar-se, seria de consequências terriveis.

Sobre quem recairiam as responsabilidades? A que sanções ficariam sujeitos os que contribuissem para isso?

O problema é, nas suas linhas gerais, muito simples: em principio, é claro, porque, na prática, não lhe vemos, dada a apática indiferença da iniciativa particular e da official, solução pronta.

E' impossivel, nas condições em que vivemos, um Teatro novo. Provou-o exuberantemente a malograda tentativa. Dizem os entendidos que o Teatro velho pode remediar com amplissimas modificações indicadas por técnicos, embora com deficiencias.

O que se impõe, pois? Modificá-lo conforme suas indicações. Mas, quem ha por aí que o faça? Quem, podendo, o quer fazer?

Eis o buzilis. Como está, é que não pode ser. Desenganem-se os que de boa fé pensam o contrario.

Claro que, e isto na nossa terra é, infelizmente, necessario dizer-se não ha na nossa campanha animosidade ou malquerença seja contra quem for. Não queremos prejudicar ninguem. Tanto que falamos no caso depois das récitas efectuadas pela companhia dirigida pela grande actriz que é a sr.^a Stichini.

A nossa campanha tem sómente, um elevado intuito baarrista. Nada mais.

Creemos bem que connosco estão, de alma e coração, todos os vimaranenses.

R' margem dos livros... e da vida

(Continuação da 1.^a pagina)

Consta-nos que a Associação de Classe dos Agricultores e Lavradores de Guimarães aguardava, com bastante ansiedade, a visita do ministro da Agricultura, annunciada para domingo preterito. Goraram-se os seus desejos; — mas, o que pretendia a Associação? Não o sabemos com inteira segurança. Somos, porem, levados a crer que a Associação quereria dizer em resumo: «Senhor! Há muitos seculos que o lavrador, especialmente o minhoto, lavra e sacha a terra com o aço dos seus braços, a rega com o suor do seu corpo, a fertiliza com o proprio sangue, terra que é o seu berço e a sua cova funeraria. Para isso, pacientemente, come um caldo de couves, uma cebola demolhada em sal, e a fruta regeitada pelos bacoros. Veste-se de andrajos, tem apenas o sol das romarias, mas dorme, todo o ano, na mais reles possilga. Agora, nem para a fome tem pão. Nem pão para a boca, nem cereal para as sementes. A sua miseria chegou ao ultimo extremo, o doloroso extremo — de não poder trabalhar».

Nós não apontamos ao industrial as clamantes necessidades do operario, nem ao senhorio a derradeira angustia do lavrador — aquele vitima da excessiva industrialização do nosso tempo; o proprietario, das contribuições que o oneram e do preço e difficil venda dos generos. Limitamo-nos a apontar um problema gravissimo, que deve encarar-se sob muitos aspectos.

De Bernardes:

«Simular é fingir o que não é; dissimular é encobrir o que é».

OS ACONTECIMENTOS DE ESPANHA

Sangue redentor

Foi no momento em que as balas do pelotão executor assassinaram Galán e Hernandez que no livro da Historia ficou escrita, com letras de sangue, a irremediavel condenação da monarchia espanhola.

Os dois herois tornaram-se, pelo seu incomparavel sacrificio, pelo seu martirio glorioso, os símbolos sempre vivos de uma ideia generosa.

O povo passou a adorá-los, abraçando, num culto fervoroso pela sua memoria, a Causa por que eles se bateram. E essa Causa triunfou esplendidamente, impondo-se de uma maneira absolutamente inédita.

E' que nada pode impedir o triunfo das ideias que traduzem os mais sagrados anseios de libertação. Tudo quanto contra elas se fizer, as serve, — di-lo o sangue redentor dos revoltados de Jaca.

Para Eles, nesta hora vitoriosa da Democracia, as nossas mais comovidas homenagens.

Os "gestos" de Afonso XIII

Muitos jornais portugueses — os reaccionarios especialmente, mas tambem alguns republicanos ou que como tais se julgam — bordaram os mais diversos comentarios acerca das atitudes do ultimo Bourbon que reinou na nação vizinha, interpretando-as, no geral, num sentido muito favoravel ao ex-monarca.

Nós, que não temos cousa alguma de sectarios, que sabemos apreciar os méritos, as virtudes e as qualidades de quem quer que seja, nosso correligionario ou nosso adversario, fariamos cómo com as hossanas laudatorias se não fôssemos interpretar essas mesmas atitudes de uma maneira muito desagradavel para o prestigio da personalidade bourbonica.

A falta ao compromisso, que na hora do perigo tomou, de abdicar desde que lhe garantissem a segurança pessoal e a material, juntamente com aquela esperteza de deixar, fechadinho, o envelope com os dizeres de despedida, sob a condição de ser aberto quando o régio corpo houvesse transposto a fronteira, são atitudes que têm de ser apreciadas como merecem...

No regime da lei

Quando o ex-rei de Espanha, num gesto revelador de muita ingratitude, sacudiu do seu lado, abruptamente, o ditador Primo de Rivera, que lhe aguentára o trono durante meia duzia de anos, escolheu para substituí-lo um homem da sua inteira confiança, um general palaciano — Berenguer.

Este, que de poucas simpatias dispunha, essas poucas inteiramente perdeu no dia em que, com fundamento, o povo lhe imputou a responsabilidade dos crimosos fuzilamentos de Jaca, passando desde então a ser uma figura odiada, impopular.

Pois bem. Dias depois de implantada a Republica, o general, numa atitude que, aliás, só o honra, apresenta-se ao seu novo superior hierarquico, assumindo a responsabilidade dos actos que praticou, pronto a responder por eles.

O ministro republicano logo lhe declarou que não tem motivo para ordenar a sua prisão e que só a ordenará se porventura, do processo que vai organizar-se para apurar as culpas dos velhos servidores da monarchia, alguma cousa se concluir contra ele.

Assim se procede nos regimes em que o arbitrio não se antepõe á legalidade.

Que magnificas lições nos têm dado os republicanos espanhóis!

O perigo federalista...

Os jornais reaccionarios, Vos á frente, têm feito tudo quanto é humano fazer-se para desprestigiar e

tornar menos simpatica aos olhos dos portugueses a nova Republica.

Como a monarchia extinta não lhes dá pano para mangas, desaparecida, como foi, num atoleiro de cobardias e ignominias, arrimam-se ao bordão do pseudo-iberismo de alguns dos actuais dirigentes da nação espanhola, pintando com negras córes o quadro patético de um possivel atentado contra a nossa intangivel independencia.

Hão-de ser sempre os mesmos, estes dementados servidores de causas para sempre mortas. Eles bem sabem, os patriotas, que no espirito dos chefes republicanos espanhóis não está a ideia de absorção da nossa nacionalidade. Essa ideia, se algum dia passou pela mente de algum, foi pela do que «ya se fué», quando, em 1913, certos generais espanhóis, com aprazimento, naturalmente, daqueles portugueses que antes queriam Afonso XIII do que Afonso Costa, pensaram em intervir militarmente nos nossos negocios internos...

Convém, porém, aos cassapos, continuar especulando, apesar das expressivas declarações feitas pelos ministros da Republica espanhola, a começar pelo eminente Alcalá Zamora.

Aqueles mesmos que em Espanha defendem o sistema federativo como o que melhor pode convir á sua Patria, sempre têm ressaltado, e nem poderiam deixar de o fazer, a independencia absoluta de Portugal. O que a tal respeito eles pensam sintetiza-se nestas oportuniísimas palavras de Manuel Cárceles, reliquia dos democratas espanhóis, um dos indigitados para a presidencia da Republica:

«O futuro do novo regime será tanto mais largo quanto maior for a descentralização dentro da larga obra republicana e que o poder central seja o fulcro da alma de todas as regiões. Cada provincia deve constituir um cantão dentro da Republica Federal Espanhola. Claro que não contamos nem temos direito de contar com Portugal, que é uma nação independente, com titulos indestrutíveis. *Federação Espanhola, sim. Federação Iberica, não.*»

E, pois, tempo de acabar com a tórpe especulação. A independencia de Portugal está assegurada na Historia e está assegurada no Futuro, através de todos os riscos, de todas as vicissitudes, de todas as eventualidades.

Os dois primos

Segundo lemos nos jornais, os corpos gerentes daquela cousa patusca a que chamam a causa monarchica reuniram-se ha dias e, depois de manifestarem «o seu sentimento respectivo pela retirada de El-Rei D. Afonso XIII», tomaram conhecimento das instruções enviadas pelo ultimo rei de Portugal.

Consta dessas instruções que «S. M. El-Rei ao ter conhecimento, no seu exilio em o solo hospitaleiro e generoso da nossa fiel Alameda, dos sucessos que levaram S. M. o rei de Espanha a deixar o seu reino, dirigiu o seu pensamento contristado e saudoso para o seu querido Portugal...»

Através desse pensamento contristado e saudoso o pobre devia ter-se lembrado daquele dia em que, abandonado por quasi todos os que até aí bajulavam, tendo a seu lado sómente meia duzia de cortesãos espavoridos, embarcou, transido de medo, na praia da Ericeira, para a nação acolhedora de que Jorge V é rei.

O encontro entre o de Bragança e o de Bourbon deve ser uma scena muito interessante. O nosso ex-ha-de saber, com certeza, dizer ao ex dos espanhóis, as palavras de conforto e de resignação com o sincero sentimento de quem já se viu em iguais transeus...

A' espera das eleições de Junho...

Chegado a Paris, de fato azul as riscas e chapéu mole, com o aspecto um pouco desalentado — estes pormenores vieram nas gazetas — D. Afonso fez as suas primeiras declarações após o desmoronar do trono.

Que sim e mais que tambem, mas que confiava em absoluto no seu povo e esperava que nas proximas eleições, desiludido já da aventureira experiencia, ele voltasse a chamá-lo a gerir os seus destinos.

Um dos infantes fez declarações identicas. «O pai não renunciou, o pai regressará um dia...»

E' a mesma, em todas as epocas, a linguagem dos reis proscritos para sempre!

O clericalismo

Num artigo brilhante, como todos os que saem da sua pena, Ribeiro de Carvalho afirmava, num dos ultimos numeros do seu jornal, que foi o clericalismo, com todos os seus exageros, um dos factores que mais contribuíram para a queda do antigo regime espanhol.

O clericalismo, insaciavel, absorvente, intolerante, é sempre o mesmo nos seus perniciosos efeitos. Todas as habilidades lhe serve, de todas as armas lança mão. Combatê-lo sem treguas é dever de todos os povos que querem caminhar para a frente, que querem trabalhar e progredir.

Aquela religiosa possessa de fanatismo que, quando mais acéssa ia a luta eleitoral em Espanha, arrancava das paredes os cartazes da propaganda republicana, é um simbolo...

As finanças da ditadura espanhola

Com a exposição de Barcelona, exhibição megalomana de um governo que não se sentia com o dever de dar contas á nação, gastaram-se, segundo se lê em *O Seculo* do dia 20, nada menos de trezentos milhões de pesetas, de cuja duvidosa applicação é em primeiro lugar responsavel, o sr. Marquês de Fomonta, ex-grande de Espanha.

Só essa exposição custou tanto, segundo o referido jornal, quanto todas as exposições que tem havido na Europa juntas, desde a de Londres, em 1855; e nunca foi possível justificar essas enormes despesas.

«O contraste entre essas despesas fabulosas e a fome nos campos, principalmente no andaluz, foi uma das causas da revolução. Convém notá-lo.»

Sim, efectivamente, convém notá-lo.

Os renegados

«Francisco Cambó, que foi o homem das liberdades da Catalunha, republicano e revolucionario, bandeou-se em certa altura com Primo de Rivera.»

Enriqueceu. Comprou palácios. Comprou automoveis. Comprou iates de recreio. Comprou em Itália quadros que custaram milhões.

Passava pelos mares, a bordo do seu iate, como se fôsse um príncipe de casa reinante.

E fez-se monarchico incondicional.

Fundou um partido monarchico com o reaccionario conde de Maura. Pois, segundo nos dizem agora os telegramas de Espanha, teve de fugir, esbaforido, para escapar aos furores da multidão, que lhe gritava:

— Renegado!
— Traidor!
— Miseravel!

E foram os republicanos que, generosamente, foram guardar-lhe a

casa, para que a multidão, irritada, lhe não deitasse fogo.

Sempre generosos, os republicanos.»

(De A Republica).

Um artigo de Angel Galarza

Membro em evidencia do Partido Republicano Radical Socialista de Espanha, vice-presidente do Ateneu de Madrid, grande advogado e orador, Angel Galarza, que o despotismo ao serviço da realza caída condenou em seis anos de prisão e a soberania popular elegeu, por milhares de votos, em esmagadora maioria sobre o concorrente monarchico, para o municipio da capital espanhola, escreveu para o nosso illustre colega de Lisboa, *Liberdade*, pouco antes da perda de Afonso XIII, um pequeno artigo que, com a devida vénia, e por o acharmos interessantissimo, transcrevemos, para que os nossos leitores o conheçam:

No momento em que a minha pena vai dar, por amavel convite deste periodico português, uma impressão da Espanha, diante das minhas janelas passam dois policas; outros pares destes guardadores de uma ordem desordenada vigiam os homens mais representativos da Espanha. Doutores em Medicina, Doutores em Direito, Engenheiros, Catedraticos, intelectuais e militares de fama, sofram desde ha dias na minha Patria essa vigilancia que seria deprimente se não fosse ridicula.

Uma greve, causada pelo impulso sentimental deste bom povo, fez com que o governo do Rei, governo de Casa Ivoa, inundasse Madrid de forças da Guarda Civil ha umas noites; seis mil homens armados até aos dentes occuparam as praças, as ruas, os edificios publicos.

O que havia? Ninguém o sabia, nem o governo; mas naquele dia tinha chegado o rei a Madrid. A força era para o guardar. Desde ha oito anos em Espanha não se passa outra cousa: guarda-se o rei.

O governo é do rei; o exercito quer-se que seja do rei. Tudo dele e para ele. E todos contra ele e fartos dele.

Esta é a sintese mais clara da Espanha de hoje. Mas, o que é o rei? Além de uma pessoa fisica desgraçada por társ doentias, transmitidas em mistura de outras társ femininas á sua prole, o rei é isto: um senhor absoluto defensor da sua dinastia, rodeado, para sua salvaguarda, com forças que se chamam — ordens religiosas engendradas de um clericalismo troglodita; uma banca que desordena o país com uma orgia de avales, emprestimos e monopólios; uma parte do exercito pretoriano, de antecâmara e de acessos por favor; um quadro de politicos sem prestigio e sem adeptos, defensores da ficção democratica da restauração, escarnecidos pelo rei durante a ditadura e servos dos seus caprichos.

O quadro é este e não outro. O chefe do Governo do seu Governo, jurou vestido de alabardeiro. Isto é: a Espanha com rei rodeado de alabardeiros e um povo divorciado do rei.

Uma procissão

A procissão não se realizara no Domingo de Lazaro porque um tempo desabrido não respeitara a solenidade do dia.

Fôra transferida para Domingo de Ramos em que um sol, por vezes fugidio, iria fazer faiscar o ouro das alfaias que valem, no dizer dos entendidos, oitocentos contos redondos!

Neste dia a cidade animara-se, sendo percorrida em todos os sentidos por numerosos automoveis, que buzinavam dum maneira irritante e as suas ruas encheram-se de peões, que se encaminhavam por aquelas que davam acosso ao Senhor do Campo da Feira ou por onde, dentro em breve, iria passar a procissão.

Veio muita gente de fora. Vieram os camponeses de fatos domingueiros, que, junto dos Passos, paravam embasbacados, maldizendo os Judeus que tinham matado o Senhor.

Vieram «fidalgos» de automovel, e os comboios tambem trouxeram alguma gente.

Da cidade, a população estava toda cá fora ou, então, dependurava-se das janelas gozando o espectáculo.

De quando em quando, por entre a multidão, mais galhofeira do que contrita, passavam uns senhores de fato preto, de sobrecasaca mal talhada muitos, que corriam apressadamente ao chamamento dos sinos.

Eram os «irmãos».

Eu tambem me dirigi para o Campo da Feira ou, demagogica-

mente falando, para o Largo da Republica do Brasil.

Não me animava a fé que não a tenho ou antes, aquela que é minha, muito minha e só minha que não tem templos onde se exteriorize, que não veste opas para que a vejam, não é a da maior parte dessa gente, ignorante mas sincera uma, mentirosa a outra.

Fui por curiosidade, para ver, para fixar os diversos aspectos duma multidão que muitos teimam em dizer crente.

A procissão demorava a sair.

Por fim assomaram os estandartes, enormes, colossais, que homens possantes conduziam e os cavalleiros do costume guiavam segurando umas cordas com umas vistosas borlas.

Dizendo os «cavalleiros do costume» quero focar esta cousa estúpida: a selecção feita entre crentes duma mesma religião que, segundo a boa e verdadeira doutrina, não admite distincções entre os «irmãos».

Para que estas distincções?

Já os estandartes cá fora, um dos quais ostenta, a ouro, as letras S. P. Q. R. que o povo, dada a proximidade da Pascoa traduz por Senhor Padrinho Quero Rosca, ainda o resto da procissão demorou a sair porque esperava-se por uma irmandade que não acabava de chegar, talvez porque tivesse reunido em concilio para deliberar a admissão ou não admissão, sem o cartãozinho do sr. Provedor, duma pessoa levada em perigo de vida á porta do seu edificio: a Misericórdia!

Misericórdia! que sabor ironico tem esta palavra!

Neste intervalo, dois pandegos desataram á bordoadá com grande gaudío do rapazio, até que foram afastados por um respeitavel mantenedor da ordem publica, e não sei se algum deles foi levado para onde costuma ir parar muito boa gente.

Eis que chega a dita irmandade e a procissão começa a desfilar.

A frente, o «Cartada» de opa rôxa, conduz nos seus braços possantes um pendão que é um precioso retábulo.

Entre duas filas de «irmãos» boas pessoas uns e pessoas boas outras, caminham os anjinhos em atitudes constrangidas, uns inocentemente satisfeitos pela «figura» que iam a fazer, outros demonstrando nas contracções dos rostos as dores que os sapatos brancos alugados e que lhes foram calçados á força, lhes causavam.

Mas lá caminhavam.

Todavia, um anjinho, uma pequenina de 4 anos quando muito, chorava alvoioçada tentando fugir do meio da procissão para junto duma mulher, mãe talvez, que ao lado caminhava vigilante.

Apesar das ameaças e sacudidelas que a tal mulherzinha, mãe talvez, lhe dava logo que junto dela chegara, o anjinho, ou por medo, ou porque os seus pés não podiam já suportar tais dores, não desistia do seu intento, fugir do meio da procissão.

Tantó teimou que, aquela mulher, mãe talvez, furiosa, esquecendo o respeito que á sua crença devia merecer a procissão, não querendo averiguar das causas porque aquele anjinho chorava e tremia, deu-lhe duas vigorosas palmadas na cabeça, pegou na criancinha ao colo e lá se foi raivosa, porque o anjinho de 4 anos não iria fazer «figura» na procissão.

Pobre criancinha, pensando em ti eu penso nas deformações morais que imprimem a certos anjinhos como tu, em nome duma vaidade que nunca foi e nunca será religião.

Num andar, com uma tunica de veludo bordada a ouro, a imagem de Jesus, o Grande Crucificado porque pregoa uma Humanidade melhor, porque amou os humildes, porque expulsou os vendilhões do Templo.

E a procissão passa e eu, sem querer, fecho os olhos e, como que retrogradando 2 mil anos, numa alicenação, vejo Jesus, o Grande Crucificado, a caminho do Calvario.

Pelo Tribunal

Audiência, 16: Acção ordinária de D. Angelica da Natividade Almeida Ribeiro contra a firma falida João Mendes Ribeiro & Filhos, representada pelo seu administrador. — Escrivão Rodrigues.

— Firma Moraes & Irmão, de Felgueiras, contra a firma falida A. Correia & C.ª, pelo seu administrador. — Escrivão Oliveira.

— Adriano José de Araujo, comerciante desta cidade, requerendo concordata. — Escrivão Lopes.

Audiência, 20: D. Rosa de Carvalho Teixeira, desta cidade, requerendo o divórcio contra seu marido, Claudino Pinto de Sousa Castro Junior, de Lisboa. — Escrivão Oliveira.

— João Antonio de Matos, proprietário desta cidade, acção de letra contra Eduardo Passos. — Escrivão Oliveira.

— João Antonio de Matos, proprietário desta cidade, acção de letra contra Eduardo Passos. — Escrivão Rodrigues.

— Inventário orfanológico por óbito de Lucinda Ribeiro, de Leitões, desta comarca. — Escrivão Rodrigues.

— Carta «precatória» vinda da Comarca de Fafe para nomeação de lousados e avaliação de bens. — Escrivão Rodrigues.

— Emancipação de Maria Madalena de Bourbon Mendes Ribeiro. — Escrivão Lopes.

MAU CHEIRO

Quando o calor aperta um pouco mais, ha pontos do centro da cidade onde se não pára. Um cheiro terrível, mofinado de todo, entra ás nossas narinas como o mais impesante dos cheiros, forçando-nos a fugas precipitadas e a sentir nojo pela hygiene da nossa terra.

Pergunta-se: quando terminará de vez este aroma desagradabilissimo e quando cuidarão os nossos edis tratar com afinco do problema do saneamento?

E' de fugir, senhores!

Banco de Portugal

A Administração do Banco de Portugal resolveu emitir notas de mil escudos — ouro — de nova chapa para circularem conjuntamente com as das chapas actualmente em circulação.

Os principais característicos desta nova nota pelo que respeita a côr, data, série, numeração, chancelas do Governador e do Director e mais dizeres que a compõem, bem como a filigrana do respectivo papel, podem ser examinados nos exemplares que para esse fim se acham patentes neste Banco em Lisboa e nas suas Delegações.

Lisboa, 7 de Abril de 1931.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores:

D. H. Beck,

J. Emaus.

Antero, Gonçalves & C.ª, L.ª

Por escritura desta data, lavrada nas notas do notario desta cidade, Dr. Ponce de Leão, foi mudada para aquela firma a sociedade que na praça de Guimarães, girava sob a firma de «Gonçalves & C.ª, Limitada».

Porto, 10 de Abril de 1931.

O notario:

José Guilherme Pinto Ponce de Leão.

Visado pela Comissão de Censura

Tribunal Judicial de Guimarães

Arrematação

(2.ª publicação)

Pelo processo de falencia da firma João Mendes Ribeiro & Filhos, sociedade commercial em nome colectivo, com sede no lugar do Pevidem, freguesia de S. Jorge de Cima de Selho, desta comarca, e seus unicos socios José Mendes Ribeiro Guimarães e Porfirio Mendes Ribeiro Guimarães, ha-de proceder-se em hasta publica, nos dias e nos locais abaixo designados, á arrematação dos bens que vão mencionar-se, os quais serão entregues pelo maior lance que obtiverem acima do seu valor, mas nas condições que se especificam; a saber: — No dia 26 de Abril corrente por 13 horas, em segunda praça, na fabrica da firma falida, no dito lugar do Pevidem: — Os bens mobiliarios, — maquinismos e utensilios, primeiramente, num só lote, por metade dos seus valores, — e distintamente, e depois tambem num só lote, os seguintes bens: — o edificio onde está instalada a fabrica da firma falida, e mais dependencias, que se compõem do seguinte: — Uma casa construida de pedra, cal e madeira coberta a telha de Marselha, com pavimento de calcetaria, tendo junto um pequeno barraco de pedra e madeira, coberto a zinco, o qual serve para arrecadação de desperdícios, e na frente um pequeno recinto coberto a zinco, servindo a casa para arrecadação de rama de algodão; — uma casa construida de pedra e cal, coberta em parte a telha de Marselha e em parte a vidro, com pavimento cimentado e janelas com caixilhos com vidros e folha zincada, onde estão instalados os batedores, abridor e alimentador, tendo junto uma pequena dependencia construida de tijolo e cimento, coberta a telha de Marselha e vidros, a qual serve para arrecadação de oleos; — uma casa construida de pedra, cal e madeira, com sete empenas, coberta a telha de Marselha e vidros, com pavimento cimentado e janelas com caixilhos de ferro, vidros e folha zincada, onde está instalada a fiação; — dois pequenos barracos, sendo um coberto a folha zincada, o qual serve para arrumos, e outro de pedra e madeira, coberto a telha de Marselha, onde está instalada a serrallaria; — uma casa construida de pedra, cal e madeira, com o pavimento cimentado e janelas de ferro com vidros e folha zincada, em parte da qual está instalada a tinturaria e a branqueação; — uma casa construida de pedra, cal e madeira, coberta de telha de Marselha, com o pavimento cimentado, a qual serve para deposito de madeiras e carpintaria; uma casa construida de pedra, cal e madeira, com o pavimento cimentado, cha-

BANCO DE PORTUGAL

A Administração do Banco de Portugal resolveu retirar da circulação as seguintes notas:

100\$00	escudos	Chapa 1.ª	— Ouro (Efigie Pedro Alvares Cabral)
50\$00	"	"	1.ª — " (Efigie Passos Manuel)
50\$00	"	"	2.ª — " (Alegoria «A Paz»)
20\$00	"	"	3.ª — " (Efigie José E. C. Magalhães)
5\$00	"	"	1.ª — " (Efigie Alexandre Herculano)
5\$00	"	"	2.ª — " (Efigie Dr. João das Regras)
10\$000	réis	— Açores	Chapa 3.ª — Ouro (Efigie Inf. D. Henrique).

Em vista de tal deliberação e a partir deste aviso, as notas destes tipos e chapas, actualmente em circulação, só podem ser recebidas em pagamento ou trocadas nas Caixas da Sede do Banco em Lisboa, nas da Caixa Filial no Porto e nas outras Delegações, até ao dia 31 de Julho p.º f.º inclusivé.

Depois daquele dia, só poderão ser trocadas na Sede do Banco. Lisboa, 7 de Abril de 1931.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores:

D. H. Beck,
J. Emaus.

mada sala da caldeira pequena, tendo nas trazeiras uma chaminé, construida de tijolos e cal; — uma casa construida de pedra, tijolo, cimento e madeira, coberta a telha de Marselha e telha de vidro, com o pavimento cimentado, chamada casa da maquina tendo uma dependencia de pedra, cimento e madeira, onde estão instalados os transformadores; — uma casa construida de pedra, com sete empenas cobertas a telha de Marselha e vidro, com janelas de ferro com vidros e folha zincada, e o pavimento cimentado, onde está instalada a tecelagem; — uma casa construida de pedra e cal coberta a telha de Marselha e vidro, com janelas envidraçadas e o pavimento cimentado, chamada casa dos acabamentos, tendo ao lado uma parte ainda em construção; — e de terreno lavradio com ramadas de ferro e arame, com esteios de pedra e ferro. Dentro deste conjunto existe um recinto destinado a arrumos e depositos de carvão, em parte do qual existe um subterraneo construido de pedra e cimento, no qual se encontram duas bombas para alimentação das caldeiras e do tinto, além destas duas bombas a fabrica tambem é alimentada pela água extrahida do rio de Selho, por meio de um motor, da força de 9 cavalos, existente na sua margem esquerda, a qual é conduzida para a dita fabrica por meio de tubos de ferro zincado. E' tudo junto e unido, circuitado por parede e rede de arame, e posto em praça por metade do seu valor ou seja pela quantia de 100:000\$00. — Uma casa construida de pedra e madeira, situada no dito lugar do Pevidem, com pavimento cimentado, coberto a telha de Marselha, a qual serve de escritorio e armazem, tendo junto duas garages, construidas de pedra e madeira, cobertas de telha de Marselha com os pavimentos cimentados. E' tudo junto, e posto em praça por metade do seu valor ou seja pela quantia de 3:500\$00. — Uma casa construida de pedra, cal e madeira com janelas envidraçadas e o pavimento cimentado, situado na freguesia de Gondar, desta comarca, tendo na frente

um pequeno recinto com o pavimento cimentado e dois patamares de escada de pedra e o canal escoante da água das turbinas, tendo dentro em si dois alternadores Oerlihon, tendo um o n.º 45:828, 5:000 volts e 23,5 amperes, e outro o n.º 134:409, 5:000 volts e 13,9 amperes, com turbina e aparelhos reguladores da água, quadro de distribuição, com resistencias de transformação, tendo cada turbina um tubo, que ambos ligam a um outro que vai directamente á caixa da água, situada á distancia, aproximadamente de 17 metros da casa cuja caixa é construida de pedra e cimento, vedada em parte por grades de ferro, tendo dois guindastes, de ferro, reguladores da entrada da água. Desta caixa parte um canal construido de pedra e cimento o qual atravessa terrenos pertencentes a Dona Rosa Leocadia de Bourbon Sampaio, Joaquim da Costa Vaz Vieira e firma falida até chegar a uma açude construida de pedra e cimento com dois guindastes de ferro, reguladores da entrada da água, fechada por grades de ferro e sita no lugar de Sunces. Tudo posto em praça por metade do seu valor ou seja pela quantia de 325:000\$00. — Uma propriedade composta de uma morada de casas terreas e telhadas, dividida em quatro moradas, situada na dita freguesia de Gondar, tendo em frente um terreno inculto e nas trazeiras terreno de horta com arvores de vinho e fruta, e uma cabine de pedra, telhada onde está instalado um transformador. Tudo posto em praça por metade do seu valor ou seja pela quantia de 1:500\$00. — E por ultimo todos os referidos bens postos em praça em conjunto, no caso de haver arrematante. — No mesmo dia e no lugar do Agouro serão tambem postos em praça, em continuação, os restantes mobiliarios arrolados na casa do falido Porfirio Mendes Ribeiro Guimarães, e em segunda praça, por metade do seu valor, a verba que não obteve lançador na primeira; — e tambem no mesmo dia, e em seguida, os bens mobiliarios, vinho e cereais, arrolados na casa do falido José Mendes Ribeiro Guima-

Pela Policia

Queixa de Herminia da Conceição, solteira, de 21 anos de idade, do Largo 13 de Fevereiro, contra Gabriel Lopes de Almeida, sapateiro, do Campo da Feira, por agressão.

— O guarda n.º 69, participa ter capturado Maria da Conceição, por ser encontrada de noite a vaguear, exercendo a prostituição clandestina.

— Queixa de João Evangelista de Almeida, da freguesia de Moreira de Conegos, contra Joaquim Gomes e Armando Peixoto, da mesma freguesia de Moreira de Conegos, por furto de laranjas.

— Queixa de Miguel de Araujo, casado, sapateiro, da freguesia de Azurém, contra Jacinto da Silva Carvalho, casado, sapateiro, da freguesia de Mesão-Frio, por sonegação de uma importância em dinheiro.

— O guarda n.º 66 participa que capturou Antonio Severo da Silva o «Bate-Folhas», por ter agredido á facada, o alfaiate João «Chimpirro» que teve de recolher ao hospital em consequência dos ferimentos recebidos.

— Queixa de Carlota da Silva, solteira, da freguesia de Moreira de Conegos, contra Manuel Zebra, viuvo, da mesma freguesia, por a ter agredido á bofetada.

— Queixa de Manuel de Oliveira, solteiro, da Conceição, freguesia de Fermentões, contra Jacinto Canario, do mesmo lugar e freguesia, por tentar agredi-lo, á facada, chegando a golpear-lhe a roupa.

— O guarda n.º 46 participa ter capturado Manuel Forte de Oliveira, solteiro, de 34 anos de idade, por ser encontrado em manifesto estado de embriaguez e a fazer disturbios.

— O guarda n.º 47 participa ter capturado Domingos de Oliveira, solteiro de 24 anos de idade, da rua de D. João I, por agredir Laurinda da Cunha Reis, solteira, serviçal, da rua dr. José Sampaio.

— Queixa de Amelia Ribeiro, viuva, da rua Trindade Coelho, contra José Machado, curtidor, por suspeita de furto.

— Queixa de José Joaquim da Silva Piairo, da freguesia de S. Lourenço de Sande, contra Arnaldo da Silva, casado, garfeiro, por suspeita de furto de 600\$00.

— Queixa de Albertina Pereira, casada, da freguesia de Creixomil, contra Sara Cortada e irmã, por ofensas corporais e insultos.

— O guarda n.º 37 participa ter capturado Adão Fernandes por insultos e falta de respeito á autoridade, e quando o conduzia aos calabouços da Administração aquele pôs-se em fuga, tendo de tazer uso do revolver, ferindo-o e recapturando-o para dar entrada no hospital.

— O guarda n.º 66 participa ter auttoado Antonio Machado, da freguesia de Joane, Famacião, por transgressão ao art. 287 n.º 2, do Codigo de Posturas Municipais.

— Queixa de Oscar Gonçalves Lobo, casado, da rua de D. João I, desta cidade, contra José de Freitas, casado, da rua de Gil Vicente, por agressão á bofetada.

— Queixa de Antonio da Rocha, solteiro, da freguesia de Fermentões, por lhe terem furtado uma corrente de ouro no valor de 500\$00, indicando como suspeito de cumplicidade neste furto, José Ribeiro, solteiro, serviçal, da freguesia de Silveiras.

— Queixa de José da Luz Soares Leite, casado, da freguesia de Infantas, deste concelho, contra Antonio Verissimo, negociante de gado, da Povia de Lanhoso, por ter faltado ao cumprimento de um contrato, quando da venda de uma junta de bois.

rões no lugar de Pousada, freguesia de Gondar, desta mesma comarca, onde serão praceados.

Ficam citados quaisquer credores incertos.

O escrivão do 1.º officio,

Agostinho da Costa Oliveira Bastos,

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente do Tribunal do

Comercio,

Raul Alves da Cunha.

Missão Agrícola de Guimarães

Missões de podas

Estiveram neste concelho podadores da Escola Agrícola «Conde S. Bento» — Santo Tirso, prestando serviço nas quintas dos agricultores que os requisitaram.

Bem avisados andaram esses progressivos agricultores, que vêm na prática da poda uma operação cultural importante e necessária a uma maior produção, mais regular e melhor frutificação e ainda de benéficos efeitos para a vida planta, ampliando-lhe a duração do seu período útil, encaminhando e facilitando a circulação da seiva e o seu melhor aproveitamento pela eliminação dos ramos inúteis.

Os podadores prestaram os seus serviços nas condições seguintes:

- a) Salários: 5\$00 e 7\$50 diários, alimentação e alojamento;
- b) Serem acompanhados por um jornaleiro da localidade, a fim de este ir aprendendo.

Para se julgar do valor desta forma de assistência e fomento agrícola, ninguém melhor que os srs. agricultores que os requisitaram o poderá esclarecer.

Foi este facto que levou a Missão Agrícola e Delegação da II Brigada, a organizar um inquérito, enviando aos senhores agricultores o questionário seguinte:

1.º Que impressão deixou o trabalho executado pelos podadores da Escola Agrícola de Santo Tirso, ao serviço da II Brigada da Campanha de Produção Agrícola, que estiveram trabalhando na quinta de V. Ex.ª?

2.º Qual o seu comportamento, sobriedade, camaradagem com o pessoal de V. Ex.ª, etc.?

3.º Mais rogo a V. Ex.ª o obsequio de indicar qualquer deficiência ou irregularidade, contribuindo assim, V. Ex.ª para que esta Missão Agrícola e Delegação da II Brigada da C. de P. A., possa tomar as providências necessárias, atinentes a melhorar no futuro, esta forma de propagação e fomento agrícola: missões de podas.

Eis as respostas dos srs. agricultores:

Francisco Pereira Mendes — «1.º A melhor. Confesso mesmo a minha surpresa ao ver trabalhadores de tão pouca idade seguirem sem hesitações a técnica aconselhada;

2.º Comportamento exemplar. Sobriedade e camaradagem com o meu pessoal dignos de nota. Mais — interesse invulgar em que os meus assalariados tirassem da rápida lição de 8 dias, os melhores resultados. Absolutamente satisfeito;

3.º Se me é permitida uma objecção seja a que de início me assaltou: poucos pequenos mestres para tão grande trabalho. O meu objectivo ficou em meio. E uma lição de poda nos lateiros? Isto quanto à missão de podas, porquanto há muito que aprender com tão simpáticos e desinteressados mestres. Exentia, mergulhia, viveiros, etc., etc.»

D. José Tavares Ferrão — «1.º Muito boa;

2.º Muito bom;

3.º Nenhuma.»

Fernando Lopes de Matos Chaves — «1.º Tenho a maior satisfação em declarar que o trabalho foi executado com precisão e consciencia;

2.º Modelar;

3.º Prejudicados.»

João Rodrigues Lomeiro — «1.º Não podia ter-me deixado melhor impressão;

2.º Em tudo foi muito correcto;

3.º Não houve deficiência de espécie alguma.»

José Maria de Magalhães Couto — «1.º Boa impressão;

2.º Nenhuma queixa me foi apresentada;

3.º Prejudicados.»

Oliveira, Irmão L.da — «1.º Boa;

2.º Bom;

3.º Não houve.»

José Bernardino dos Santos — «1.º A minha impressão foi boa, constando que o podador que aqui fez serviço em poda de fruteiras trabalha com método e consciencia nestes serviços;

2.º Muito bem comportado;

Acompanhei-o em todos os trabalhos, tendo ocasião de verificar a sua correcção e delicadeza, prestando sem-

pre e da melhor vontade todas as instruções e esclarecimentos que lhe pedia;

3.º A unica deficiência encontrada foi a péssima ferramenta de que se fazia «acompanhar para tais serviços, tendo-lhe de fornecer a minha apesar de a considerar também ordinaria, mas incomparavelmente melhor do que a dele.»

José da C. Santos Vaz Vieira — «1.º A melhor impressão;

2.º Bom comportamento, boa educação e prontidão em ensinar os ajudantes;

3.º Talvez houvesse conveniencia em intensificar a instrução dos podadores nas podas das fruteiras já formadas.»

António Virgem dos Santos — «1.º Excelente;

2.º Exemplar e boa camaradagem;

3.º De momento a deficiência que notei é pouco pessoal para a propagação que é preciso fazer neste meio bastante rotineiro, por isso que no proximo ano, desejaria mais pessoal, habilitado como este e por mais tempo.»

Eloi Garcia — «1.º Boa;

2.º Muito bem;

3.º Prejudicado.»

ERNESTO SILVA.
Regente agrícola.

(Continua.)

Taxas de letreiros

Alguns contribuintes que possuem vitrines, globos, disticos, letreiros, etc., chamam a nossa atenção para o facto de a Camara lhe exigir de licença anual mais do que as importancias da antiga Tabela aprovada pela Camara no ano de 1924, e que é a que se acha em vigor.

Informam-nos ainda que a Camara chegou a exigir as importancias indicadas no célebre Edital, que tanto deu que falar, ultimamente; mas que, em vista de alguns contribuintes se negarem a pagar, resolveu, numa sessão posterior, cobrar metade da nova Tabela. Será verdade que a nossa edilidade assim tenha resolvido o assunto?

Se é, não achamos regular tal deliberação, e se a exigencia camarária era já de si pouco ou nada regular (porque ia de encontro a uma combinação, de todos sobejamente conhecida), a deliberação a seguir tomada, veio ainda colocar pior a questão, tanto mais que toda a gente sabe que estas cousas de impostos ou taxas, não costumam ser assim tratadas.

A quem de direito compete esclarecer o assunto, pois parece-nos que ninguém se nega a pagar, mas o que todos têm escrupulo, que deve ser respeitado, é em pagar o que não seja legal.

Com os meus botões...

O medo... Ah, ah, ah! Eu, rio do medo. O medo — irmão-mais-velho do amor — não tem personalidade. E, porque não tem personalidade, — o medo é covardia de nós proprios, receio de ser só, é papão, escuridade...

O medo... Ah, ah, ah! Eu, rio do medo. Do medo — irmão-mais-velho do amor, do medo de certas almas espavoridas pelo espantoso negro da superstição...

A cobiça... Mais devagar, devagar. Andar muito depressa é ficar para trás... Ontem como hoje, hoje como sempre, neste arduar zigzagante que é a vida, joga-se a primazia de estar-primeiro. A vã cobiça. Vã e tola cobiça... Pois não corre, mais do que nós, o cego-Bem?! Para que, pois, esse desordenado correr, essa estulta primazia de estar-primeiro — chegando sempre tarde?!

Entre viver dividindo e morrer crendo, eu opto por a morte...

A duvida é sombra horrenda a litigar a pobre humanidade, é joio maldito gerando a descrença que aniquila, a descrença que transforma em seara estéril os nossos fortes peitos!...

ALBERTO DE MACEDO

O aparecimento do nosso jornal

Referencias que lhe são feitas

Da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, recebemos o officio n.º 57 do seguinte teor:

«Em nome da Direcção de que tenho a honra de presidir, venho agradecer a V. Ex.ª o envio de um exemplar de O Povo de Guimarães, aproveitando esta oportunidade para fazer votos muito sinceros pela prosperidade e larga vida do mesmo semanario. Apresentamos a V. Ex.ª os nossos cumprimentos com os desejos de Saúde e Fraternidade.

Guimarães, 15 de Abril de 1931. — O Presidente, A. L. de Carvalho.»

De A Velha Cruzada, desta cidade, de 19-4-931:

«Reapareceu, após 28 anos de silencio, este velho Lutador Republicano. Folgamos que a iniciativa de alguns republicanos desta terra lhe insuflasse nova vida. Vem muito bem colaborado e impresso. Traz uma figura simbolica a vermelho, uma evocativa figura simbolica!

A Velha Guarda agradece as amáveis referencias que lhe faz em saudação e oferecendo-lhe a sua franca e leal camaradagem, faz votos sinceros pela sua longa vida.»

Da República de Lisboa, de 20 4-931:

«Sob a direcção dos nossos valerosos correligionários David d'Oliveira, Duarte Fraga e Eduardo de Almeida, começou a publicar-se em Guimarães um novo jornal republicano, que se apresenta magnificamente colaborado e com um belo aspecto gráfico. Mais um combatente pela Republica. As nossas calorosas saudações.»

De A República de Viseu, de 19-4-931:

«A Republica voltou a ser bela... Ela vive, cada vez mais sentida e amada no coração dos leais portugueses. De dia para dia surgem as mais fortes manifestações de fé e querer á causa da Republica. Em Guimarães, onde a reacção campeia livremente, alguns republicanos dedicadissimos acabam de fazer aparecer mais um jornal, que é interessantissimo, portodos os titulos.

Bemvindo seja. Cá de muito longe, enviamos aos illustres correligionários o abraço fraternal.»

Gremio do Minho

Desta prestante colectividade regionalista recebemos a seguinte circular: ... Sr. Director do jornal O Povo de Guimarães — Guimarães.

Temos a honra de comunicar a V. que em Assembleia Geral deste Gremio, de 10 do corrente, foram eleitos os seguintes Corpos Gerentes para o exercicio de 1931:

Mesa da Assembleia Geral — Presidente, Dr. José Maria de Queirós Veloso; Vice-Presidente, Alexandre Ferreira; 1.º Secretario, José Borges da Silva; 2.º dito, Januario Santa Cruz Barbeitos; 1.º Vice-Secretario, João Alves Pereira; 2.º dito, Abilio José Rodrigues Junior.

Conselho Fiscal — Efectivos: Dr. Arminho Sampaio, Bernardino Martins de Almeida e José Augusto da Cunha; suplentes: José Gonçalves Palhares e Prudente da Rocha.

Comissão Central — Efectivos: General J. M. N. Norton de Matos, Dr. Domingos Leite Pereira, Dr. Nuno Simões, Dr. Luis Inocencio Ramos Pereira e Herculano Nunes; suplentes: Dr. Abel Brandão, Dr. Manuel Fernandes da Cruz e Dr. Adolfo Faria de Castro.

Direcção — Presidente, José de Azevedo; Vice-Presidente, José Ferreira Tomé; 1.º Secretario, Alberto Julião Martins; 2.º dito, Luis da Silva Araújo; Tesoureiro, José Candido dos Santos Mota; Vogais: Narciso Candido Barbosa e Ernesto Enes Pereira; suplentes: Manuel da Costa e Francisco Antonio Esteves.

Fazendo votos para que as amissimas relações que mantemos com V. se intensifiquem em beneficio da Causa Regionalista, aproveitamos a oportunidade para lhes apresentarmos as nossas cordiais saudações e pôr ao vosso completo dispor o nosso limitado prestimo.

Peia Direcção

Alberto Fúido Martins,

1.º Secretario.

CONTOS E NOVELAS

Sem a luz do amor

Por EDUARDO DE ALMEIDA

O crucifixo estava na comoda, sobre uma toalha de linho, entre duas velas de cera; junto da redoma de vidro, com a Senhora das Dores, ardia a lamparina de azeite, numa côva de latão e porcelana. A cama ficava a um canto da sala, em frente da janela, aberta á noite calma do outono já inverneado, agora no silencio longo em que se embrunha o amanhecer.

Estremecera de manso o doente, como na passagem do mesmo sono comprido e fatigado. Maria Teresa tocou-lhe os labios com a esponja embebida em agua pura e fresca. O padre, lentamente, descerrou os olhos, sorriu á irmã num sorriso de infinita tristeza e gratidão; pareceu reanimar-se de leve a macilencia da face, mas a cabeça resvalou para o ombro, as mãos agitaram-se, e um fio coaguloso de sangue aflorou-lhe á boca.

Estava morto. Maria Teresa beijou-lhe ainda a mão inerte até que a sentiu euregelar-se de encontro aos labios. Depois, deixou-se afincar um demorado instante. O drama daquela vida findara. O seu, amarguradamente, iria arrastar-se por um mundo novo e hostil, em que seria desconhecida e intrusa, mulher já sem idade, nem o mais leve desejo, a não ser, talvez, o de esperar a sua hora de libertação, na recolhida agonia da soledade.

Contemplava ainda o cadaver, sereno, com uma leve sombra de ternura ou desenfado no rosto livido, quando ouviu gemer a velha Josefa, que os trouxera ao colo.

— Sim, morreu.

A essa hora, mal se advinhava a luz, subia na ruça, ao alto do Crasto, onde atavernavam os moleiros e os viandantes, o irmão Joaquim. Vinha atrás o moço, correndo, de sacola. Esperou que o alcançasse, escolheu sitio á beira das alminhas, e apeou-se. «Quem anda nestas viagens não sabe o que o espera» — abriu o sacco, tirou uma isca de presunto, e repartiu do molete com o rapaz. Lá de si para si, ia pensando:

«O Marcelino era bom homem, e, diz o mundo, tambem um bom padre. Não deve ser cousa de grande monta o comer, dormir, passear, dizer missa e ouvir os pecados dos outros, que os confessam: os que ofendem os mandamentos da lei de Deus. Mas... a natureza não perdoa, e Marcelino, filho da lavoura, homem forte, encaminhou-se, senão se deixou levar, para uma vida outra daquela que nós vivemos. Assim, morreu ainda novo, e talvez já bastante velho. Pai António, porque conseguiu amealhar umas moedas, quis ter a gloria de dar um filho á Igreja. Gastou com ele dinheiro nos estudos, no seminario e no patrimonio. Eu fiquei nas terras, donde partira Pai Antonio para a cidade, (como o Marcelino partiu da cidade para o sacerdocio) de suja camisa e pés descalços, ao sol e á chuva.

O que tenho é de meu ganho, minhas são as terras, que o Marcelino não quis ver partilhadas, vamos andando, á morte do Pai Antonio, nem da Mãe Curseira. Minhas, porque se não deitaram contas ao que se gastara em ordená-lo, nem o patrimonio entrou á relação; minhas, porque as fabrico dês que Pai Antonio foi para a cidade, e lá morreu, deixando tanto do seu negocio de farinheiro que eu tive de trazer a Mãe Curseira para a aldeia, e sustentá-la até morrer. Se houve algumas sobricas do que topei na gaveta da loja, enquanto o Marcelino, como era de seu dever, encomendava a Deus a alma do Pai, ninguém me pediu contas delas. Mas, tambem, quem aturou, e vestiu, e tratou doente, e enterrou a Mãe? O lavradores.

Gorgolejou pausadamente, sentindo clara e esperta a cabeça.

«Maria Teresa não passa de uma sumidota. Branda da alma, e mole do corpo. E fez-se toda delicada, a senhoraziua. Uma freira, ao lado do padre. Era o Marcelino em ponto magro, e de saias. Não que ele custa a andar, como a minha patroa Rosa, e as minhas filhas, de cesto ao ombro, a apauhar a erva, a olhar pelo gado, a deitar a mão ao que se faz preciso nas seimeteiras, nas sachas, nas lavras, nas vindimas... Ufa, que na coziua, está ao lume o pote do caldo. Nas feiras, não há como aquele saber marrahar das mulheres. Nem sol de romaria, como quando cantam, vermelhas e alegres.

Nunca passei de labrego, com as terras e os meus sete filhos, e suas senhorias viveram sempre á fidalga. O Marcelino, logo ao entrar nos estudos, vestido como um doutor; a menina, não fosse constipar-se, calçadinha, e de blusa. Olhem se pensa nisso a Rosa, quando leva de comer á bicharada! Mal o padre saiu cura de almas, aí lhe vai a Maria Teresa colada á sombra, porque, hom'essa!, é preciso cuidar-lhe da casa, não o deixar á mercê das poucas vergonhas do mundo. Ora, sempre ouvi dizer, a gente velha e moça, que os padres sabem viver muito regaladamente quanto ao passadio. Aquilo é passar a vida de papo no ar.

São horas de fazermos as contas. E as contas são faceis de fazer — quero para mim as terras, o patrimonio, e a herança do Marcelino. Três filhos houve do mesmo pai e da mesma mãe. Sou o mais velho, sou casado, e tenho filhos. Morrendo o Marcelino, a Maria Teresa vem, como veio a Mãe, para as terras. Dou-lhe do meu pão e do meu vinho. Julgo bem que tudo ficará assim arrumado. Comprou o Marcelino a quintazinha do Cedro? Pois comprou-a com o dinheiro das missas, dos sermões e dos enterros. Missas, sermões e enterros que ele disse e fazia por o Pai o haver ordenado á nossa custa. A herança da familia é, pois, e só muito minha, porque sou a unica arvore de raiz, o que tenho os pés metidos na terra e os meus filhos nos braços.»

(Continua.)

Divida de gratidão

Já algumas pessoas se dirigiram ao autor da local que com este titulo se publicou no ultimo numero deste jornal, perguntando-lhe a melhor maneira de levar por diante o zivitre apresentado.

As exigencias do espaço, limitadissimo em relação ao numero original em nosso poder, não permitem que hoje o nosso prezado colaborador possa expor como entende que deverá praticamente ser solvida a divida de gratidão que todos os antigos alunos de D. Estefania Maria Antunes contraíram para com a sua dedicadissima professora.

Alegra-nos saber que o apelo feito nestas colunas encontrou eco no coração de muitos deles.

Noticiario

Esteve de luto o nosso particular amigo e dedicado correligionario sr. Amadeu de Almeida, professor adido da Escola Industrial e Comercial de Francisco Holanda. Os nossos sentimentos pesames.

— Partiu na passada segunda-feira para a sua comarca dos Arcos de Valdevez, o integerrimo Delegado do Procurador da Republica e nosso querido correligionario, sr. dr. Jeronimo Martins da Rocha.

— Vimos nesta cidade, no passado domingo, o illustre causidico da vila de Fafe, sr. dr. Parciado de Matos, figura de relevo no meio republicano daquela vila.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães { Telefone N.º 146
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

VERNIZES

LOUÇAS

POLVORAS

VIDROS

CAIXILHOS

CASA HIGH-LIFE

Tourol-Guimarães

TELEFONE 49

É HOJE A CASA, NO SEU GÉNERO, MAIS BEM SORTIDA E QUE, EM PREÇOS, OFERECE MAIS VANTAGENS

Modas, tecidos de seda, lã e algodão; tecidos para camisas de homem e senhora; bretanhas, panos bordados e de ronda, colchas de seda, echarpes, véus, sevilhanas, chales de seda bordados, sombrinhas, bengalas, malhas para homem, senhora e criança, meias, pingas, camisaria, colarinhos, gravatas, artigos de bordar, cintas elásticas e elásticos para cintas e ligas, perfumaria, sabonetes, artigos para luto, miudezas, etc., etc. Esta casa já recebeu parte do seu sortido para a próxima Estação do Verão e breve espera completar o seu grande e inegualável stock de fazendas adquiridas nas principais casas da especialidade.

SEMPRE NOVIDADES

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA
Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre
das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio

GUIMARÃES

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.^{da}

43-RUA DA REPUBLICA-47

TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA

COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente disseminado. Peça V. Ex.ª uma demonstração sem compromisso nem encargo ao

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFUNKEN

TELEFONE 181

GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante
das maquinas de escrever L. C. SMITH
e CORONA, que são reputadas ás de modelo
mais perfeito e as de maior duração

28 - Rua 31 de Janeiro - 30

GUIMARÃES

PAPELARIA,
PERFUMARIA
E TABACOS

Gramofones
— e discos —

Papeis de em-
balagem, Fio,
Papellão e ma-
quinas de es-
crever :

PAPELARIA CENTRAL

Praça D. Afonso Henriques

TELEFONE 149

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

DROGARIA TOURAL

DE

João Garcia de Almeida Guimarães

P. D. Afonso Henriques

GUIMARÃES

Tintas, Vernizes e Vidros

TELEFONE 68

FABRICA DE GUARDA-SOES E CHAPEUS

DE

Faria & Fernandes, Limitada

51 - Largo Prior do Crato - 54
(GUIMARÃES)49 - Praça D. Afonso Henriques - 50
(FILIAL)

Telefone n.º 9

Agentes oficiais dos pneus

Firestone

Representantes do capacho

Ideal

"O POVO DE GUIMARÃES" Rua 5 d'Outubro N.º 33
SEMANARIO REPUBLICANO GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24\$00 Esc.	Cada linha	\$50 cent.
África	28\$00 *	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	\$60 *
Brasil (moeda brasileira)	20\$00 *	Comunicados, linha	\$15 *
Estrangeiro	40\$00 *	Imposto do selo	
Número avulso	\$50 cent.	Linómetro tipo corpo 8.	

Ex.º Snr.

Sociedade Nestlé Parmentier

Parmentier